

PRODUTIVISMO ACADÊMICO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO NO ENSINO SUPERIOR PÓS-PANDEMIA: CANSAÇO E VIDA DANIFICADA COMO O NOVO NORMAL

Alex Sander da Silva¹

Karoline Cipriano dos Santos²

Silvana Mazzuquello Teixeira³

Guilherme Orestes Canarim⁴

Resumo: Neste artigo desenvolvemos alguns aspectos de uma discussão sobre os impactos do produtivismo acadêmico na saúde mental, especialmente, no contexto do ensino superior no momento pós-pandemia. Realizamos esta discussão amparados em autores como Adorno (1993), Alvarez (2004), Han (2015), Leher, (2004), Lockmann (2013) e Schwartzman (1979). Fazemos este trabalho teórico denunciando a realidade, mas ao mesmo tempo, anunciando afirmativas esperançosas. É necessário que os pesquisadores se unam e criem redes de apoio: além de cuidar da saúde física e mental, construir grupos de estudos bem articulados, uma relação dialógica permanente, com pessoas engajadas e direcionadas a realizar o processo formativo de forma leve e organizada, para que os trabalhos não se tornem exaustivos e patologizadores.

Palavras chave: Ensino Superior; Saúde Mental; Pós-pandemia; Pós-Graduação.

ACADEMIC PRODUCTIVISM AND PSYCHOLOGICAL SUFFERING IN POST-PANDEMIC HIGHER EDUCATION: FATIGUE AND DAMAGED LIVES AS THE NEW NORMAL

Abstract: This article explores the impacts of academic productivism on mental health, particularly in the context of higher education in the post-pandemic period. Grounded in theoretical

¹ Professor Doutor da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.
<https://orcid.org/0000-0002-0945-9075>

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC.
<https://orcid.org/0000-0002-2942-4005>

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC.
<https://orcid.org/0000-0002-1243-4266>

⁴ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC.
<https://orcid.org/0000-0002-9021-9799>

contributions from Adorno (1993), Alvarez (2004), Han (2015), Leher (2004), Lockmann (2013), and Schwartzman (1979), the discussion highlights the pressing need to address these challenges. While exposing the harsh realities of academic life, this work also advocates for hopeful solutions. It emphasizes the importance of researchers joining forces to create support networks, prioritizing both physical and mental health. Building well-coordinated study groups and fostering continuous dialogical relationships among engaged individuals can help ensure that the formative process remains light and organized, avoiding the exhaustion and pathologization of academic work.

Keywords: Higher Education; Mental Health; Post-Pandemic; Graduate Studies.

INTRODUÇÃO

Neste artigo desenvolvemos alguns aspectos de uma discussão sobre os impactos do produtivismo acadêmico na saúde mental, especialmente, no contexto do ensino superior no momento pós-pandemia. O objetivo deste escrito, então, é problematizar a alta demanda de produção científica na corrida pelos títulos acadêmicos e como isso pode afetar o pesquisador, frente às questões mercadológicas e adaptação profissional do sistema neoliberal.

A questão central, no contexto do artigo, é compreender como vem se constituindo o adoecimento psíquico no ensino superior pós-pandemia, em uma tentativa de relacionar esta problemática com o produtivismo acadêmico, e lógica neoliberal, bem como todas as outras questões contemporâneas. Ademais, é necessário salientar o momento do pós-pandemia, essa readaptação de processos, de tentar articular o híbrido com o presencial, os novos processos de adaptação e o cansaço como novo normal (Han, 2015).

O aumento do coeficiente técnico-científico é um elemento central na transformação social e na produção de riqueza. O incremento desse coeficiente se dá, essencialmente, por meio do trabalho da produção do conhecimento, que acontece mais centralmente por meio das Universidades. No regime atual, neoliberal, o caráter propedêutico e epistemológico, em especial no campo das ciências de base, vem sendo prejudicado, em detrimento das ciências mais aplicadas.

Essas aplicações, cuja possibilidade de desenvolvimento é devedora da ciência de base, dão produtos e mercadorias absorvidas e mercadorizadas na sociedade, sob a forma de tecnologias, saberes, processos, entre outros. Especialmente, no Brasil, isso se reflete no modo como a pós-graduação e a pesquisa vêm sendo inundada por relatórios, reportagens, bases de dados, métricas e

sistemas de monitoramento que preenchem cada vez mais o tempo da pesquisa em todas as áreas, consumindo um tempo precioso para a descoberta. Além disso, em muitos casos, essas burocracias significam fazer as mesmas atividades duas, três ou quatro vezes e preencher as mesmas informações repetidas vezes.

De forma metodológica, esta é uma pesquisa qualitativa, com perspectiva bibliográfica, de cunho descritivo-exploratório. Como aporte teórico, destacamos os autores Han (2015), Adorno (1993), Lockmann (2013), Zwick (2017), a fim de discutir alguns aspectos de um entendimento sobre a alta demanda de produção do conhecimento na pós-graduação e seus efeitos colaterais aos indivíduos envolvidos no processo formativo.

Este texto descreve a realidade vivida por muitos pesquisadores brasileiros e relata a exaustão de bolsistas que trabalham muito para terem boas condições de trabalho e, por vezes, adoecem no caminho. Este escrito denuncia a realidade por trás do currículo acadêmico, pois é realizado por profissionais que, ao mesmo tempo que abrangem essa temática, pertencem a esse sistema de seleção e produzem conhecimento por e para ele.

ESVAZIAMENTO E EXAUSTÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM DIAGNÓSTICO DO PANORAMA DE CANSAÇO NA PÓS-GRADUAÇÃO PÓS-PANDEMIA

Nessa primeira parte, procuramos contextualizar e fazer uma recapitulação dos cortes, dos processos e legislações, entre outros elementos que já estavam em processo antes da pandemia no ensino superior, principalmente, na pós-graduação stricto sensu. Essas situações são questões ou formas de precarização advindas do neoliberalismo que já vinham antes da pandemia, por meio um agravamento vertiginoso que impactam ainda mais a educação durante a pandemia e que também tem implicado cada vez mais agora nesse pós-pandemia.

Lockmann (2013), por exemplo, sugere que a instituição da escola como uma instituição social vem sendo, nos processos dos últimos anos do neoliberalismo, sobrecarregada com funções de outras instituições de outras demandas da sociedade e no centro dessa sobrecarga. Assim, o elemento dessa dinâmica que mais sofre com essa sobrecarga são os professores. No dizer dessa autora,

“[...] com a emergência do neoliberalismo brasileiro e a correlata constituição da inclusão como imperativo de Estado, podemos assistir à proliferação das Políticas de Assistência Social no Brasil, em articulação com um fenômeno que pode ser denominado

Educacionalização do social. Tais políticas, ao utilizarem a educação escolarizada como locus privilegiado de efetivação, produzem uma redefinição das funções da escola pública em uma sociedade da aprendizagem, alargando consideravelmente suas funções que enfatizam fortemente o governo das condutas, de modo a produzir um deslocamento no que se entende por conhecimentos escolares (Lockmann, 2013, p.10).

Dessa maneira, não se trata somente de uma referência às mudanças nas práticas educativas, mas a redefinição da função social da educação, em seus diversos níveis. A educação está passando a ter como responsabilidade não só os processos de formação humana, socialização e ensino e aprendizagem, mas também, demandas das diversas esferas da vida.

Dentro do movimento de educacionalização do social, movimento que tem como um de seus principais elementos a assistência social, podemos perceber uma espécie de terceirização das funções institucionais. Em outras palavras, a educacionalização do social tem como um de seus pontos de chegada a escola, já que é por meio deste espaço que a vida social é administrada, regulada e transformada em uma sociedade da aprendizagem.

À medida que a política de assistencialismo ganha mais campo no ambiente urbano, há a proliferação de um discurso neoliberal que reduz a população pobre à sua condição natural, como se a sua qualidade de vida resultasse apenas de sua incapacidade para superar as desigualdades por si mesmo (Silva, 2017). Todos esses processos ligados à educacionalização social da instituição da escola se estendem e permeiam todo sistema de ensino. Ou seja, a Universidade, embora de maneira diferente, também sofre as implicações e impactos desses processos. As responsabilidades governamentais, sociais e de outras instituições vão, por transferência ou terceirização das suas responsabilidades, para o âmbito da escola, da educação formal.

No caso da Universidade, existem algumas particularidades que exploramos a seguir, num primeiro momento pensando nos problemas pré-pandemia, e posterior a isso, pensar os impactos da pandemia nesse processo que estamos denominando, conforme Lockmann, de educacionalização do social.

Sabe-se que, muitos graduados recorrem ao mestrado para terem uma perspectiva melhor na carreira. Em algumas áreas, as instituições somente contratam pessoas que têm o diploma de mestre e que, possivelmente, continuarão na caminhada acadêmica, progredindo para um doutorado, conforme relata Simon Schwartzman (1979), na obra *Formação da comunidade científica no Brasil*:

Em muitas carreiras profissionais, o nível de mestrado tornou-se um requisito mínimo para a entrada no mercado de trabalho, o que transformou esses cursos em extensões das escolas de nível superior. Isto significou, de fato, um aumento de dois a três anos no tempo necessário para formar um profissional, sem maior aproveitamento de qualidade e com uma forte pressão para o ingresso nos programas de pós-graduação por parte de estudantes sem perspectivas de trabalho ao término de seus cursos superiores. (Schwartzman, 1979, p. 293)

Por conta da ampla concorrência, permanecer nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* é um desafio. Até os dias atuais, quem ingressa nos programas logo após o término da graduação, ou com potencial de bolsa, são as pessoas já vinculadas à pesquisa, seja em projetos de iniciação científica ou apresentação de algum trabalho acadêmico em um evento. Quanto mais publicações, mais chances de ingresso nos programas de pós-graduação. Para isto, é preciso esforço, criatividade, desenvolvimento profissional e também, emocional.

Leopoldo de Meis; Maria Scarlet do Carmo e Carla de Meis (2003) em *Impact factors: just part of a research treadmill*, constata que, o crescimento da ciência brasileira se dá graças ao desgaste emocional dos seus cientistas e pesquisadores. Por conta da grande demanda e alta produção científica, além de os pesquisadores terem um desencantamento da profissão e problemas emocionais causados pela pressão de prazos e publicações, acabam por aprender a postar seus resultados omitindo problemas e dificuldades da pesquisa. No campo da pesquisa, essas questões estão muito presentes na vida dos professores e pesquisadores. Roberto Leher (2004), em *Educação e Sociedade* reflete que:

A partir dos anos de 1990, novas noções, imagens, temas e referências com pretensão conceitual compõem o léxico da educação superior: produtividade, qualidade, competitividade, flexibilidade, gestão e eficiência. O metro para aferir a qualidade deixa de ser um determinado "ethos" acadêmico, tomando emprestado um outro sistema de medida: o mercado. Assim, a aferição é feita a partir de noções como produtividade, eficiência, excelência, flexibilidade e empreendedorismo. (Leher, 2004, p. 881)

Logo, em razão a essa demanda de produtividade, a pressão para ter um currículo bom e tornar-se um excelente profissional está cada vez mais afetando a vida dos pesquisadores. É necessário continuar os trabalhos para se destacar no mercado competitivo. A situação de pesquisadores brasileiros, muitas vezes, favorece o pensamento de que a quantidade é melhor do que a qualidade das publicações. Consideramos que, mais que afetar a vida dos pesquisadores, tem se tornado um aspecto na vida desses pesquisadores. Este, é um aspecto central, que atravessa os tempos e espaços institucionais.

Pensamento condizente ao que Paulo Roberto de Almeida (2010) traz em seu artigo “A ignorância letrada: ensaio sobre a mediocrização do ambiente acadêmico”, que apresenta um ensaio sobre a deterioração da qualidade de produção científica e o padecimento da educação superior brasileira. A pressão para publicar mais conteúdos e estender o currículo acadêmico faz com que o pesquisador tende a escrever textos teóricos-científicos em modo automático, sem nem mesmo refletir sobre o que apresenta, negativando o processo estético-dialético e se colocando na fila da produção contínua, sem se dar conta das lacunas criadas na formação.

As Universidades têm se tornado, cada vez mais, em muitos sentidos, fábricas, “indústrias do conhecimento”, as quais protagonizam processos produtivos que estão a mercê do eixo econômico político da nossa sociedade. As Universidades são, também, instituições com pessoas empregadas, em que existem produtos, avaliações, empregabilidade, desemprego, sindicatos e tudo mais. Desse modo, esses aspectos das condições materiais são importantes para a gente pensar o potencial papel da Universidade nesse contexto que a gente quer, de certa forma, denunciar.

Em resumo, o que estamos afirmando é que a Universidade tem seu potencial emancipador; estamos defendendo a questão da pesquisa para a vida, mas estamos deixando claro que a Universidade não está isolada do mundo. A racionalidade neoliberal que opera na sociedade, opera também, no ensino superior e nos sujeitos que dele fazem parte.

Contudo, os processos da pandemia aceleraram o recrudescimento dessa situação de muitas formas, como por exemplo, a falta de formação específica, no sentido do uso das tecnologias nos processos híbridos, que por sua vez, acabaram concentrando a produção de conteúdo. Também, a fragilização na experiência, propriamente do ensino, já que a experiência da sala de aula, as interlocuções e diálogos necessários e próprios ao ambiente da aprendizagem ficaram, em certa medida, secundários. Não desconsideramos o caráter emergencial dessa situação, mas pensamos os seus impactos depois da pandemia, mais especificamente, fora do caráter emergencial.

Sequestrado sob essa lógica neoliberal, o processo de ensino tornou-se focado simplesmente em conteúdos, lives, videoaulas e tudo mais. Os processos formativos vistos somente numa lógica industrializada, como um encadeamento de disciplinas, assuntos, módulos, trilhas a serem perseguidas, métricas, avaliações, roteiros, componentes curriculares, gabaritos, etc. Tudo num empanzinamento brutal goela abaixo, que precisam ser então consumidas, digeridas e cuspidos para fora, na forma de certos padrões, parâmetros de exatidão, linguagens e suas tecnologias, entre

outros jargões, sendo, exatamente, classificações, quantificações e parâmetros, normas e indicadores de “performance e desempenho”. No dizer de Adorno, já na sua época,

Hoje, o que se exige de um pensador é nada menos que esteja presente, a todo instante, nas coisas e fora das coisas – o gesto do Barão de Münchhausen, que se arranca do pântano puxando-se por seu próprio rabicho, tornou-se o esquema de todo conhecimento que pretende ser mais do que constatação ou projeto. (Adorno, 1993, § 46, p. 64)

Os sujeitos pesquisadores acabam num processo de produzir as próprias condições de trabalho através do trabalho: preenchimento de formulários com publicações, produtos, de certa forma, para conseguir mais um ano de financiamento para preencher mais formulários com mais produtos. Nesse ínterim, há, inclusive, a questão da relevância e dos impactos do que se publica em volumes crescentes nas universidades, bem como a validade dos índices e fatores de impacto.

Além disso, existe também, a problemática do trabalho na pesquisa. Afirmamos aqui se tratar de trabalho, mas institucionalmente, ou legalmente, a maioria dos pesquisadores em processo de formação *stricto sensu* são bolsistas. Esses sujeitos pesquisadores sofrem com as demandas de produção de conhecimento, mas sem a remuneração e garantia de direitos como dos professores titulares.

Esse sofrimento tem gerado, por exemplo, aumento de taxas de suicídio, de abandono do trabalho, de inquietude, mal-estar com o processo de produção de saber, além de uma decepção ao enxergarem as condições trabalhistas. Isso está acontecendo porque o sistema de produção de saber passou por uma grande profissionalização. Há uma pressão e um controle, diríamos excessivo, sobre a produtividade dos departamentos, das Universidades, das linhas de pesquisa e dos professores; se você não publica tantos papers, você perde a sua possibilidade de orientar. Se você não publica tantos livros, o seu programa é prejudicado.

A racionalidade neoliberal que atravessa os planejamentos e políticas institucionais e públicas se manifesta em culturas de dia-a-dia num sistema baseado em competição e concorrência, muito objetivada e posta em métricas: “Quantos os congressos você foi? Em que lugar você publicou? Qual fator de impacto dessa revista? Quantas pessoas te citaram? Qual é a tua métrica no Google Scholar?”. Essas perguntas são manifestações dos controles neoliberais que geram outras formas de controle.

Essas manifestações, impactos, cadeias de consequências, chegam também na saúde mental dos sujeitos envolvidos, essa produtividade e seus desdobramentos em práticas culturais

podem estar gerando desconfortos e conflitos nas relações entre orientador ou instituição e os seus alunos, além da própria angústia nos sujeitos com esse excesso de métricas. Tudo isso faz com que as “funções intelectuais a cada minuto tenham que prestar contas com base no relógio de ponto”. (ADORNO, 1993, § 46, p. 63).

A frase de Adorno é atual ao pensar nos problemas da vida dos intelectuais, mas a pandemia trouxe uma coisa diferente. Ele fala de relógio ponto, quer dizer, a produção massiva no tempo determinado de trabalho. Na pandemia, ocorreu o home office, e a casa virou trabalho e o trabalho virou casa, e todo tempo é tempo de trabalho, não se tinha hora pra e-mail, nem mensagens, nem reuniões. A má notícia é que essas questões perpetuaram até hoje.

Nesse sentido, o que já acontecia antes da pandemia, devido essa racionalidade neoliberal, é que a vida do pesquisador vinha sendo engolida numa lógica de produtividade, como um excesso de futuro no presente. Essa lógica de produtividade e cobrança, se torna cada vez mais um meio de vida. Uma vida de precarização, cansaço e também uma vida danificada e comprometida. Esses aspectos ficaram evidenciados na pandemia, naturalizando o trabalho em tempo integral, que absorve e influencia o sujeito a estar integralmente imerso na lógica neoliberal, no trabalho, na produção.

PRODUTIVISMO E (IN)SALUBRIDADE MENTAL

O processo de imersão do trabalho, ou da extensão dos tempos de trabalho também significa a imersão nos processos violentos desse trabalho, nas lógicas de cobrança, nas angústias, nas corridas por publicações e por fomentos. Ficamos pensando na questão da saúde mental desses profissionais. Sabemos que o fenômeno de abrangência da carga horária profissional na pandemia foi uma realidade para muitas profissões, mas estamos falando de educação no ensino superior, mais especificamente, a pesquisa.

Um problema diferente aqui é que a Universidade e os pesquisadores são chamados a resolver outras demandas sociais em forma de adaptação, ajuste, mas também com proposições práticas de resoluções rápidas, o que conversa com a questão da educacionalização do social. Os profissionais não têm somente uma função específica, mas são multitarefas, logo, o cansaço é redobrado.

O adoecimento mental na pós-graduação é um assunto bastante mencionado nos últimos tempos (Silva *et al*, 2022). Palestras, propagandas e muitas formas de divulgação relatam o quão importante este assunto é, e como deve-se preservar a integridade mental e emocional nesse contexto. Denise Alvarez (2004), em *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?* - descreve o processo de trabalho, muitas vezes cansativo, dos pesquisadores:

Há um momento em que o trabalho é puramente mental (“trabalho oculto”), quando se está entregue a uma série de ideias, por vezes confusas ou pouco sistematizadas e se quer dar alguma direção àquilo. Ter “boas 100 ideias”, enfim, é parte fundamental do trabalho de pesquisa, se bem que os resultados nem sempre são interessantes. (Alvarez, 2004, p. 36)

A autora citada acima, também mencionou outros incômodos relatados pelos entrevistados na produção do seu trabalho, como: incertezas sobre seus projetos, poucas perspectivas em relação ao mercado de trabalho, frustrações com resultados finais, desânimo na área investida e depressão em meio ao processo, muitas vezes, individual de produção científica, além de problemas institucionais e dificuldades para publicações (como bloqueios para escrever e rejeição de artigos).

Essas situações vão ao encontro da discussão realizada no livro “Sociedade do cansaço” de Byung-Chul Han, que apresenta uma sociedade obcecada por trabalho e, ao mesmo tempo, cansada e depressiva, pelas demandas do setor. Segundo o autor, “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do esgotamento” (Han, 2015, p. 27), onde “o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (Han, 2015, p.30).

Essa condição de cansaço excessivo está ligado ao excesso de produtividade exigido do indivíduo em múltiplas dimensões da vida contemporânea. Também estamos mais propensos a sofrer do cansaço excessivo após o trabalho, pois, especialmente durante a pandemia, os espaços e limites entre o trabalho e o lazer borraram-se. Tornou-se difícil distinguir entre o que é responsabilidade laboral e quando estamos propriamente vivendo.

Essas questões são sinais de como essa sociedade do cansaço é resultado de uma lógica de desempenho. O crescente estresse, a ansiedade e a depressão surgem como consequência desta sociedade. Essa sociedade caracteriza-se por uma maior incidência de doenças, sobretudo as que possuem relação com o trabalho ou o estresse, além do aumento do sofrimento psíquico. Ela cria

padrões de vida extremamente exigentes e, conseqüentemente, promove a síndrome de burnout, ansiedade e depressão. Tudo isso causa uma certa frustração e uma busca incessante por novos prêmios. E esse excesso da elevação do desempenho acarreta um infarto da alma (Han, 2015, p.71).

Outra dimensão acerca da sociedade do cansaço e dos pesquisadores é em relação ao trabalho bruto ser, por muitas vezes, realizado sem uma rede de apoio ou estudos integrados, conseqüentemente, gerando a sensação de solidão e isolamento. Embora a Sociedade do Cansaço seja uma realidade presente, ela nos leva muito longe do que estamos buscando, dá um jeito de nos fazer parecer menos produtivos e, conseqüentemente, menos felizes. Essa é uma discussão longa, mas é fundamental para compreendermos a Sociedade do Cansaço. Os cidadãos encontram-se numa situação de estresse constante, sem tempo para se divertir, apreciar a família ou mesmo seguir uma rotina de saúde. Essa sociedade estimula o uso exagerado de medicamentos, ao mesmo tempo em que reduz o nível de qualidade de vida.

Em seu artigo *Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários*, Daniela Ornellas Ariño e Marúcia Patta Bardagi abordam sobre agentes estressores causados pela alta demanda de estudos:

Essas demandas acadêmicas são aspectos característicos da vida universitária e de pesquisa, como o excesso de carga horária de estudo, o nível de exigências em relação ao processo de formação, a adaptação a um novo contexto, novas rotinas de sono, novas demandas de organização de tempo e estratégias de estudo, etc. Tais aspectos podem se constituir como estressores, pois demandam do estudante um repertório comportamental para se organizar e conseguir enfrentar tais exigências (Arino; Bardagi, 2018, p.)

Por causa do estresse excessivo e busca por publicar muitos artigos, os pesquisadores/estudantes/professores acabam por adoecer. O adoecimento pode ser compreendido por um desgaste psicológico e físico que impacta a qualidade de vida dos sujeitos e pode desencadear quadros de depressão e de ansiedade (Cunha et al., 2009).

Vida danificada

Assim como Han, Adorno vê também, na sociedade contemporânea, uma certa dimensão de totalização de administração e controle de todos os âmbitos da vida. No dizer de Adorno,

A vida transformou-se numa sucessão intemporal de choques, entre os quais se rasgam lacunas, intervalos paralisados. Contudo, talvez nada seja mais funesto para o futuro do que o fato de que breve, literalmente, ninguém mais será capaz de pensar nisso, pois cada trauma, cada choque não superado daqueles que retornaram da guerra, é o fermento da futura destruição. (Adorno, 1993, aforismo 33. p. 46)

O processo contínuo crescente desse controle e monitoramento de todas as faces da nossa vida implica, também, na precarização, na fragilização e na subjetivação, e por fim, no cansaço e na danificação da nossa vida como uma espécie de negligência programada. Desse modo, a gente poderia até pensar que, se por um lado existe, para os produtos, uma obsolescência programada, para nossa vida humana existe também uma degenerescência programada, quer dizer, esvaziamento, morte, adoecimento programado e todos esses aspectos, inclusive, a fragilização da vida e o excesso do produtivismo.

Dentro de um sistema que é total, de um mundo administrado, em que todos os aspectos, todos os âmbitos da nossa vida, são pensados a partir da figura da mercadoria, da figura da objetificação da vida humana, dos aspectos da consciência e esses fluxos de produção e reprodução da vida, da consciência e da subjetividade humana, são tomadas somente a partir de uma lógica de mercadorização, a partir de uma lógica de objetificação. Nesse sentido, como sugere Zwick,

A danificação da vida tem a ver com os processos sociais de subjetivação, ou seja, esta relacionado com o que já falei sobre a indústria cultural. Ela é um aparte do problema, pois coloca as condições subjetivas da experiência estética, num contexto em que [...] nada mais significa que o assujeitamento, consciente ou não, à uma estrutura [...] que reivindica a todo momento a existência da vida danificada como sua melhor expressão (Zwick, 2017, p. 148).

Assim, contaminando tudo, tanto as condições para a emergência da subjetividade como os mecanismos da gênese dos desenvolvimentos subjetivos. Isto é, permeando todos os âmbitos da vida humana e mediando estruturalmente toda figuração de mundo com a qual construímos nossa subjetividade.

Seguindo nessa lógica, a vida danificada não é ruim porque é “menos autêntica”, superficial ou simplesmente diferente da “experiência verdadeira”, isto é, ela não é danificada porque não concorda com algum ideal de cultura ou vivência, mas ao contrário, ela se enquadra na danificação porque se atrela desde dentro a valores que a fragilizam e ao mesmo tempo desgastam sua capacidade de perceber sua progressiva debilidade. No dizer de Adorno, “Sua inverdade não está naquilo que seus inimigos românticos sempre lhe censuraram: o método analítico, o retorno aos

elementos, a decomposição pela reflexão, mas sim no fato de que para ele o processo está decidido de antemão”.(ADORNO, 1999, p. 562)

Falando de modo adorniano, a vida danificada não é danificada em relação a nenhum ideal externo a si, mas ao contrário, percebemos sua danificação por meio de um entendimento imanente, desde dentro do núcleo da gênese dos seus próprios desdobramentos. A vida danificada como nova condição humana, como novo normal, significa que, cada vez mais estamos aceitando a regressão das condições de vida como algo natural. Essa naturalização da miséria e da morte tem o seu núcleo no processo de danificação da vida, que envolve as condições materiais de produção da vida. Todavia, vai muito além disso, estranhando-se ideológica e subjetivamente no imaginário, no pensamento e no campo simbólico que constitui nossa subjetividade já que “o mecanismo de reprodução da vida, de sua dominação e aniquilação, é imediatamente o mesmo, e em conformidade com ele a indústria, o Estado e a propaganda se amalgamam” (Adorno, 1993, §33. p. 45).

Além disso, a autonomia, para além de ser um sinal do processo da liberdade para os sujeitos, é também um dos elementos do que constitui a vida. Nesse sentido, a vida danificada é danificada porque é heterônoma e segue valores e condições que a fragilizam em relação a sua possibilidade de autoconsciência.

Tudo isso tem efeitos e impactos deletérios violentíssimos na vida do ensino superior. Professores e estudantes sofrem, tanto no sentido do cansaço, quanto no sentido da danificação da vida como um processo planejado e programado, que subjaz no mundo de um regime capitalista neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto desta pesquisa, discutimos alguns dos problemas vivenciados por pesquisadores, como a alta demanda de produção científica e como interferem na qualidade de vida desses sujeitos. Salientamos a lógica do produtivismo, métricas e o excesso de futuro no presente, na forma de projetos, e quase infinitas chamadas para novas publicações e apresentações de resultados. Esse trabalho é diuturnamente realizado por estudantes e pesquisadores por meio de processos, laboratórios, infraestrutura e por meio de redes de colaboração, entre outros processos e dinâmicas de diversos níveis de complexidade.

Como procuramos mostrar, essas questões não surgem do nada no pós-pandemia. Em vez disso, são retomadas de processos que já estavam em voga na sociedade em geral e, em especial, no campo do ensino superior. Na pandemia, muitos desses processos se evidenciaram e seu recrudescimento se exacerbou e também mostrou faces diferentes, como o cansaço, estresse, e adoecimento mental.

Todos esses elementos são os sinais da assim chamada vida danificada, e esses aspectos do produtivismo, no âmbito acadêmico, se escamoteiam na tentativa de passar por novo normal. Contudo, entendemos que compreender esse cenário pode nos auxiliar a melhorar os processos na produção do conhecimento no contexto dos processos formativos, sem com isso desperdiçar ou impactar negativamente a vida dos professores e estudantes.

Por fim, buscamos discutir com este escrito a veracidade vivida por pesquisadores brasileiros, que em meio aos processos educativos longos como mestrado e doutorado, se desdobram na produção de conteúdos científicos, em razão muito mais da competição mercadológica das áreas docentes, do que pelo impulso de realizar procedimentos e entregar resultados “por amor a camisa”.

Muitas vezes, os pesquisadores nem estudam o que realmente querem, mas aquilo que lhes impõem nos programas de pós-graduação, fortalecendo ainda mais a exaustão e cansaço mental dos estudantes. Nesse sentido, são emaranhados no rolar da manivela, e entram na fila da produção atropelada, em que, pela lógica neoliberal, se agarra a quantidade de títulos publicados.

Como um desdobramento de pesquisas em andamento, essa pesquisa é uma mostra um pequeno exercício de exploração de investigação de algumas hipóteses que são também elas desdobramentos ou decorrências de linhas e programas de pesquisas mais amplas. Nesse sentido, não tivemos condições de elaborar uma discussão com categorias e investigações mais profundas; pretendemos posteriormente engajar uma tentativa de pesquisa bibliográfica sistemática ou mesmo uma pesquisa empírica, com estudo de caso.

Dito isto, fazemos esse compartilhamento teórico denunciando a realidade, mas ao mesmo tempo, anunciando afirmativas esperanças. É necessário que os pesquisadores se unam e criem redes de apoio: além de cuidar da saúde física e mental, construir grupos de estudos bem articulados, uma relação dialógica permanente, com pessoas engajadas e direcionadas a realizar o processo formativo de forma leve e organizada, para que os trabalhos não se tornem exaustivos e patologizadores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento** RJ. 1999.

ADORNO, T.W. **Mínima moralia**. São Paulo, Ática, 1993.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A ignorância letrada: ensaio sobre a mediocrização do ambiente acadêmico. **Espaço Acadêmico**, [s. l], v. 1, n. 111, p. 120-127, ago. 2010. Mensal. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10774/5859>. Acesso em: 30 mar. 2021

ALVAREZ, D. **Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?** Rio de Janeiro: Myrrha, 2004.

ARINO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicol. pesq.** [online]. 2018, vol. 12, n. 3, pp. 44-52. ISSN 1982-1247. <http://dx.doi.org/10.24879/2018001200300544>

CARMO, M. S. & DE MEIS, C. Impact factors: just part of a research treadmill. **Nature** 424, 723, 14 Aug 2003. Correspondence.

CUNHA, Antonio Buch et al. Transtornos psiquiátricos menores e procura por cuidados em estudantes de Medicina. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 321-328, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.

LEHER, R. Para silenciar os campi. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 88, 867-891, 2004. Disponível em www.scielo.br

LOUZADA, Rita de Cássia Ramos. **Formação do Pesquisador, Trabalho Científico e Saúde Mental**. 2005. Tese (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental) – UFRJ.

SCHWARTZMAN, S. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo e Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional e FINEP, 1979.

SILVA, Michel. Capitalismo, pós-graduação e adoecimento mental. **Metodologias e Aprendizado**, [S.L.], v. 5, p. 1-14, 3 jan. 2022. Instituto Federal Catarinense. <http://dx.doi.org/10.21166/metapre.v5i.2378>.

SILVA, Roberta Teodorico Ferreira da *et al.* POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL: Do Neoliberalismo ao governo Temer. **Anais da VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 1-13, ago. 2017. Disponível em:

<https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo3/politicassociaisnobrasildoneoliberalismoaogovernotemer.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

ZWICK, E. Indústria cultural e semi formação: aportes à detenção da subjetividade e à sociedade perturbada, In: Theodor W. **Adorno: a atualidade da crítica**: vol. 2[recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza, R; Caires, F; et al. (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017